



REDAÇÃO

com Fernanda Pessoa

Por que aprender a pensar?

POR QUE APRENDER A PENSAR?

A Redação genial termina sendo a combinação de vários elementos que são obrigatórios em todos os vestibulares + a criatividade que nos torna diferentes de todo mundo e donos e donas das maiores notas de Redação do Brasil. E nem é exagero

OS PERIGOS DE UMA ÚNICA HISTÓRIA

AS EXPERIÊNCIAS SOCIAIS DO MUNDO ULTRAPASSAM EM MUITO AS EXPERIÊNCIAS OCIDENTAIS DE CONCEBER O MUNDO.

- ▶ Quem estabeleceu o formato do mapa? Quem disse que somos sul? Por que o mapa mundi não pode ser virado de cabeça pra baixo?
- ▶ Na África existe só pobreza?
- ▶ Existe uma única forma de organização das sociedades?
- ▶ Em Cuba existe só repressão?

O que sabemos sobre outras pessoas? Como criamos a imagem que temos de cada povo? Nosso conhecimento é construído pelas histórias que escutamos, e quanto maior for o número de narrativas diversas, mais completa será nossa compreensão sobre determinado assunto.

De todas as quatro esferas temáticas, a mais ampla e, talvez, a mais versátil, é a cultural. Isso porque ela abrange todas as crenças, costumes, gastronomia, tradições, leis, linguagens, expressões artísticas, musicais e literárias de um povo, tornando-a extremamente estratégica para uma produção de texto, já que está fortemente ligada à história e a outras disciplinas que podem servir tanto como contexto (**na introdução**) como argumento de comparação (**no desenvolvimento**).

O SEGREDO É ABRIR A CABEÇA!

Chimamanda é uma escritora que, ainda criança, lia muitas histórias britânicas e americanas. Por isso, seus textos infantis eram povoados por personagens loiras, que comiam maçãs, brincavam na neve e que se alegravam quando o sol aparecia. Assim, apesar de viver na Nigéria, um lugar onde as pessoas são quase todas negras como ela, onde se come manga e não há surpresas com o sol, os livros haviam produzido uma realidade imaginária na criança, mais forte que seu próprio mundo. Chimamanda conclui que isto demonstra o **quanto somos vulneráveis a uma história**.



AS REFERÊNCIAS DE QUE CHIMAMANDA PROCUROU NA INFÂNCIA

Quando ela encontrou os primeiros romances africanos, percebeu que pessoas com a pele **cor de chocolate** e com cabelos que não permitiam formar rabos-de-cavalo também poderiam ser **personagens literários**.

Os autores africanos, diz ela, a salvaram de ter uma única história sobre a literatura. Chimamanda conta que nasceu em uma família de classe média e que havia uma empregada doméstica na casa de seus pais. E também um menino de nome Fide, o filho da empregada. Só o que lhe disseram sobre Fide é que ele era muito pobre e que era preciso mandar roupas e alimentos para sua família.

Aos oito anos, Chimamanda acompanhou sua mãe em uma visita à aldeia próxima onde Fide morava. Então, a mãe do menino mostrou uma linda peça de artesanato, feita pelo irmão de Fide. O fato impressionou Chimamanda, porque ela nunca poderia imaginar que alguém em uma família tão pobre pudesse criar algo.

A única história que havia ouvido a respeito deles a impedia de vê-los para além da pobreza. Aos 19 anos, ela voltou a pensar sobre isso quando foi estudar nos EUA. A colega de quarto dela, uma americana, ficou chocada quando percebeu que Chimamanda tinha um inglês perfeito e quis saber onde ela tinha aprendido. A moça ficou surpresa ao ser informada que o inglês é o idioma oficial da Nigéria.

Então, perguntou se Chimamanda poderia lhe mostrar uma "música tribal", ficando desapontada quando ela disse que curtia Mariah Carey.

A americana também presumiu que Chimamanda não saberia como usar o fogão. Antes de conhecê-la, ela sentia pena da "pobre nigeriana", porque tinha uma única história sobre a África.

Nesta única história, não havia a possibilidade de uma africana ser, em muitas coisas, bem parecida com uma americana.



Hattie McDaniel (1ª mulher negra a ganhar o Oscar, na 12ª edição da premiação, por sua atuação no clássico *E O Vento Levou*)

Até 2020, segundo a própria Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, 3.140 estatuetas foram entregues desde a primeira cerimônia em 1929. Porém, o que vemos no prêmio do Oscar é uma grande desigualdade racial, pois apenas 44 vezes o homenzinho dourado foi para algum profissional negro, isso significa **menos de 2% dos troféus entregues**.

Até que ponto não estamos todos **superlotados de histórias únicas**? Até que ponto a dignidade das pessoas não tem sido subtraída **pela repetição insistente de estereótipos**? Pensem, por exemplo, nos contenciosos políticos em curso e nos seus principais protagonistas. Quantas histórias temos de cada um deles? Quantas, além da única que nos contaram? Agora lancem um olhar sobre grupos humanos específicos como, por exemplo, os nordestinos, ou os presos, ou os homossexuais, ou os índios. Quantas são as histórias que nos foram contadas sobre eles?

Não seriam as pessoas destes grupos tão diferentes entre si quanto são todas as demais não inseridas em grupo algum? Os significados que portamos a respeito destes e de outros grupos não são exatamente aqueles que nos têm sido oferecidos pela mídia?

Não seria esta a forma mais efetiva e radical do exercício do poder nas sociedades contemporâneas?

Regrar o mundo de acordo com o que penso dele, de tal forma que os demais imaginem que as noções que compartilham são de fato suas e não exatamente aquelas que eu produzi. Não seria este, afinal, **o crime perfeito? A função da cultura e da história** é tornar nossa vida mais segura e contínua para a sociedade humana. Ela é o "cimento" que dá unidade a um certo grupo de pessoas que divide os mesmos usos e costumes, os mesmos valores. **Tanto as memórias quanto os esquecimentos merecem ser considerados não como verdades absolutas, mas em suas possibilidades de interpretação.**

A educação pode desconstruir tradições, reconstruir trajetórias, questionar fatos consumados e discursos prontos. É libertadora para o indivíduo e perigosa para quem quer perpetuar relações de poder. Por isso, tantas vezes acaba utilizada como instrumento de controle e submissão.

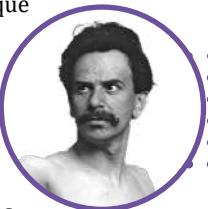
UMA TEMÁTICA, TRÊS PENSADORES: MILHÕES DE ABORDAGENS

Abandonar ou pré-conceber sem relativizar outras culturas no espaço/tempo é o que o historiador **Alfredo Bosi** chama de "**religião do progresso**".



Nos séculos XV e XIX, a dominação das nações europeias sobre os povos americanos e afro-asiáticos – motivadora do olhar preconceituoso em relação aos negros, índios e orientais – também se justifica na substituição do "**atraso**" pelo "**progresso**". Um exemplo prático é o que aconteceu com a população indígena durante o processo de colonização portuguesa aqui nas nossas terras, a partir do século XV.

Já **Franz Boas**, antropólogo alemão, considera que todas as culturas são particulares, singulares, e devem ser observadas **de acordo com sua própria história e particularidade**. Chamou isso de **Relativismo Cultural**.



Com esse olhar relativista, consideramos que as culturas não são melhores e nem piores, apenas distintas, porque toda cultura é uma representação humana no tempo e no espaço. É uma resposta dada por grupos, por comunidades às experiências que possuem.

No Brasil, para **Lilia Moritz Schwarcz**, historiadora e antropóloga, há a permanência de uma narrativa histórica muito marcada por uma só experiência, por uma só forma de enxergar a história do Brasil, que é normalmente pela ótica dos colonizadores, dos heróis brancos e masculinos, nunca negros. Nunca femininos.



Para a autora, por exemplo, falamos de descobrimento de uma terra que já estava densamente povoada. Os historiadores mostram que nas Américas, na América do Sul sobretudo, a população respondia, em termos de quantidade, à população da Península Ibérica no mesmo contexto. Mas, mesmo assim, falamos de descobrimento.



Estamos juntos nessa!



TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.